

UM MODELO SOCIAL PARA A MULHER OPERÁRIA (1871-1920)*

Michel Ralle**

Constitui uma banalidade assinalar que a liberação social, tal como a entenderam as organizações operárias, esqueceu-se da mulher, sobretudo durante a fase clássica de sua história, aquela que começa com a Primeira Internacional e termina com o conflito mundial de 1914, e que servirá de marco cronológico para essa intervenção. É verdade que a historiografia tem pouca autoridade para manifestar essa deficiência, já que somente há pouco, e às vezes graças ao trabalho de historiadoras, começou a investigar temas vinculados com a questão da mulher. De fato, se os estudos de história social que levam em conta a mulher na maioria dos casos, começaram por analisar os discursos dos partidos ou dos sindicatos, foi porque essa fonte proporcionava ao mesmo tempo a documentação de mais fácil acesso e um exemplo nítido da contradição entre o projeto de “emancipação social” e a aceitação, visível na própria propaganda operária, de um tratamento desigual dos sexos. Não é de se estranhar, pois, que existam ainda importantes lacunas no conhecimento da situação da mulher no mundo operário, às quais se somam outras falhas da investigação quando o tema passa a ser examinado no caso espanhol. Nesse caso, a falta de sensibilidade não pode ser atribuída apenas ao atraso do desenvolvimento econômico do país. Embora deixado de lado por muito tempo pelos estudos, existiam indícios de uma presença feminina não secundária na indústria do país. Tratava-se de algo tão pouco subalterno que, em alguns casos, os contemporâneos

* Artigo publicado em *Feminismo y Socialismo, una síntese necesaria*. Barcelona: Fundação Rafael Campalans, 1996. Traduzido para o português por Fátima Murad.

** Professor da Universidade de

Estudos de Sociologia

chegaram a insistir sobre seu caráter central. Em um número de *El Obrero*, durante muitos anos semanário das “*Tres Clases de Vapor*”, pode-se ler, por exemplo, em um balanço das atividades dessa organização durante os anos de 1880, as seguintes linhas:

“As *Tres Clases de Vapor* poderiam ser uma composição de trabalhadores poucos entendidos na filosofia dos princípios socialistas, mas sentem e sentiram entusiasmo por tudo o que tem a tendência a defender a causa do trabalho; o que mais se pode exigir de uma comissão operária composta de homens pouco instruídos, sendo a maior parte mulheres e crianças?” (*El Obrero*, 18-3-1887)

Poucas vezes a historiografia levou em conta este aspecto do mundo fabril da Catalunha, como fez A. Balcells em uma importante síntese sobre o trabalho feminino no setor têxtil em princípios do século, publicada por *Recerques* em 1972. Mas o estudo não suscitou muitas imitações. Portanto, não existe ainda informação suficiente para falar aqui das situações, das atitudes ou das representações entre as quais se movia o elemento feminino do mundo operário. É difícil saber em que medida e com que modalidades o trabalho industrial contribuiu para modificar a imagem da mulher em uma sociedade como a catalã, na qual o processo global de modernização existia claramente. Tampouco é possível dizer se a presença de uma mão-de-obra feminina na indústria proporcionou um eco à nascente aspiração de mulheres de classe média a desempenhar um papel social, apesar de chegar a existir um componente sindical feminino no setor têxtil, precisamente aquele que fez de Teresa Claramunt uma personalidade pública a partir de 1890. Por outro lado, também seria arriscado afirmar que a presença feminina no trabalho industrial serviu para fortalecer o papel dos modelos femininos tradicionais na sociedade, pelo mero fato de que, na zona fabril da “montanha” catalã, certos coletivos de operárias estavam sob o controle da instituição religiosa.

Michel Ralle

São precisamente os modelos sociais, tal como foram difundidos por aqueles que, por motivos de proselitismo ou de controle social, pretendiam levar em conta a presença da mulher no mundo operário, que tratarei de evocar aqui, porque me pareceu que existe algum material a respeito e porque, ao fim e ao cabo, remetem à relação entre cada um dos projetos sociais das distintas correntes políticas e ao lugar que eles outorgam à mulher. Como veremos, os esforços podiam ser distintos, mas uns e outros sugerem algo mais que os traços gerais dos discursos das diferentes ideologias, pois neles aparece a força das referências clássicas quando falam do papel social da mulher. Ao mesmo tempo, tanto aqueles que queriam transformar a sociedade como aqueles que defendiam fortemente as representações tradicionais dos papéis sociais tinham de levar em conta cada vez mais as importantes mudanças sociais. Mas, para falar dos modelos que são propostos às mulheres operárias, é necessário primeiro dizer quem compunha esse setor social na Espanha, no período que se evoca aqui. É certo que essa categoria não nasce com a industrialização, mas esta a converte em uma categoria visível, isto é, em uma questão social à parte. Já que o fenômeno não tem a mesma importância em todos os países ocidentais, parece lógico começar por um rápido panorama do alcance do trabalho industrial feminino na Espanha da Restauração.

O trabalho industrial feminino

Da presença da mulher na atividade manufatureira, pode-se dizer o mesmo que da industrialização na Espanha. Existe, mas de modo localizado, setorial. Deixando de lado por ora o caso da Catalunha, cuja peculiaridade já se assinalou e sobre a qual se voltará a falar, ocorrem no resto da Espanha algumas concentrações de mulheres em fábricas ou manufaturas. O mundo das minas inclusive não é um mundo só masculino: a lavagem dos minerais costuma ser feita por mulheres – por exemplo, na zona de Bilbao. Elas também participam de sua seleção em outras bacias. Essas trabalhadoras não suscitam um problema social de primeira

Estudos de Sociologia

magnitude, já que, pela dureza de seu trabalho, a atenção dos observadores, e talvez a dos demais companheiros operários, tende a esquecer sua natureza feminina. O mesmo ocorre com as areeiras – as mulheres que descarregam no porto a areia para os altos fornos. Os que as evocam – a imprensa diária, embora muito poucas vezes – as vêem como seres ariscos e até temíveis. Parece que nem os operários responsáveis se aproximam muito delas. E, dadas as condições de vida e de trabalho, está claro que as possibilidades de que surja entre elas uma militante são praticamente nulas. Contudo, elas constituem um dos casos mais dramáticos de mulher operária: a necessidade as coloca praticamente à parte da sociedade.

Mais clássicas são as cigarreiras. Trabalham em manufaturas de milhares de operárias: umas 6.000 em Sevilha, 4.000 em Madri, entre 1.000 e 3.000 em Valência, Cádiz, Alicante, La Coruña, e outras localidades. Algumas manufaturas menores contam com centenas de assalariadas: Bilbao, Pamplona, Logroño... Não se trata de algo que se possa deixar de ver na paisagem humana dessas cidades que, além disso, não têm a dimensão de hoje. Essas mulheres chamaram a atenção, não apenas dos observadores sociais. Emilia Pardo Bazán, por exemplo, fez da vida de uma cigarreira de La Coruña, durante o Sexênio, a protagonista de seu romance *La Tribuna*. O impacto de tais concentrações femininas – nas manufaturas de tabaco, os homens não passam de algumas dezenas – é amenizado por seu caráter isolado como trabalho de fábrica no perímetro de cidades que, em sua globalidade, não são industriais, como Madri ou Sevilha. Além disso, elas são vistas através de imagens tradicionais que obstaculizam, até para elas mesmas, sua percepção como operárias. Certamente, não se trata da imagem neo-romântica da cigarreira Carmen – que tem uma versão local na visão que, às vezes, oferece delas Blasco Ibañez com as de Valência –, e sim de pessoas que não controlam sua espontaneidade tanto no bom como no mau sentido. Quando reclamam de seu salário ou do tratamento autoritário imposto por uma organização de trabalho muito hierarquizada, a imprensa logo fala de revolta, de motim, e não de conflito social. As reportagens insistem sobre

Michel Ralle

os aspectos superficiais dos protestos, como os gritos e a pouca habilidade na negociação – o que permite que as autoridades manobrem castigando e logo perdoadando as que quebraram vidros ou utensílios de trabalho. O nervosismo, consequência da piora das condições de trabalho – com um aumento regular da produtividade nas manufaturas, como já diz a Comissão de Reformas sociais em 1884 – é atribuído a uma peculiaridade do caráter feminino e mediterrâneo. “Mais de mil cigarreiras começaram a gritar de tal forma e a dar golpes tão fortes, que parecia que havia chegado o momento de demolir a casa”, escreve por exemplo um jornalista de *O Liberal*, a propósito de uma greve da Tabacaria de Madri em 1889 (*O Liberal*, 14-3-1889). Evocando um “motim” na mesma manufatura, um jornalista, não da crônica taurina, fala por exemplo da “natural acometividade das fêmeas madrilenhas”. Deve-se acrescentar que os motins habituais, os de consumos ou os de cédulas, são precisamente imagens de desordens incontroláveis, porque neles intervêm as mulheres, elementos portanto de excesso e de irracionalidade.

O importante aqui, certamente, não é que os aspectos negativos das cigarreiras sejam compensados, às vezes, pelos traços de espontaneidade positiva que os jornais diários eventualmente assinalam, como as manifestações de solidariedade, provas ao fim e ao cabo de um bom coração, etc., mas sim que essa imagem as isole de sua função operária, tornando-as suspeitas aos militantes operários, entre eles, os socialistas madrilenhos. O poder cultiva esse aspecto. Concedendo certos serviços dentro da fábrica, como a hora de amamentação ou como a creche, ao mesmo tempo em que impede que as operárias se afastem da manufatura, subentende sua boa vontade para com elas. Em nível mais simbólico, a rainha – a regente em particular – é freqüentemente o interlocutor político das cigarreiras. Atua como mediadora sob a aparência da melhor amiga ou da mãe. Pode ser apresentada como a que ajuda e compartilha, porque entende a peculiaridade de sua condição de mulher, em uma divisão de papéis em que ela completa o do rei, mas em tom menor. Inaugura, por exemplo, seu baile anual, que

Estudos de Sociologia

não é um folclore inocente, mas sim uma maneira de assinalar a integração das cigareiras no calendário dos acontecimentos festivos da capital. Estas atenções aumentam as suspeitas de *El Socialista*, que aconselha as cigareiras a que ao invés de se rebelarem de modo desordenado, se organizem em uma sociedade de resistência, como se fosse possível apenas um único tipo de defesa sindical e como se tivessem de demonstrar primeiro que sua ação é verdadeiramente de classe. Contudo, as cigareiras não são operárias passivas: as greves nas manufaturas de tabaco ocorrem com regularidade e com combatividade, e por motivos comparáveis aos dos conflitos clássicos: remuneração, intensificação de trabalho, excessos de autoritarismo, etc.

Apesar de tudo, as cigareiras não suscitam um problema considerável ao sistema de valores dominantes, constituindo exceções simpáticas, já que sua atividade se desenvolve em uma produção que parece mais vinculada ao ócio dos homens que a suas necessidades. O caso das operárias catalãs do setor têxtil é diferente, pois o trabalho feminino aparece como um elemento fundamental dessa indústria. Já em princípios do século, e sobretudo até os anos 1915-1920, a mão-de-obra feminina domina numericamente, tanto na própria Barcelona e em sua planície como na montanha. Na medida em que, como se sabe, se trata de uma escolha patronal em grande escala, vinculada com a utilização precoce de máquinas de fiar contínuas (Smith, 1995), é assumida pelos empresários, cujos escritos constituem testemunhos interessantes sobre a imagem social da mulher operária.

O mais significativo é provavelmente aquele publicado pelo sabadellense Sallarés y Pla (1893). Trata-se de uma justificativa ao mesmo tempo econômica e moral que contempla tanto o ponto de vista dos fabricantes como o do mundo operário. Para esse fabricante, o trabalho fabril feminino é necessário porque o emprego de homens aumentaria demasiadamente o preço dos produtos. Mas assinala também sua importância decisiva para as famílias operárias. Em primeiro lugar, cerca de 30% delas dependem do salário de uma mulher, isto quando os chefes de família não podem trabalhar,

Michel Ralle

segundo suas próprias palavras, “por incapacidade física ou por interrupções de trabalho... ou quando, pela morte desse fica a cargo da viúva o cuidado e a alimentação dos filhos”. Partidário certamente de um papel limitado do Estado em matéria de ajuda social, justifica isto acrescentando que “nem se encontrariam recursos suficientes para sustentá-lo na caridade ou na liberalidade do Estado, nem nos fundos de reserva das sociedades de previdência operária” (Sallarés y Pla, 1893, p. 27). Mas, de modo mais geral, trata-se de uma solução para problema do nível dos salários: “Poucas são as famílias que cobrem seus gastos se os ganhos não são reforçados com o produto do trabalho feminino” (Sallarés y Pla, 1893, p.28).

Essa ambição mais fundamental é acompanhada de justificativas que se tornaram habituais nesse tipo de literatura, segundo a qual o trabalho industrial não só constitui uma ajuda importante para o orçamento familiar, como é menos perigoso e duro do que aquele que os fabricantes encomendam em domicílio, e, em particular, menos desmoralizante. Contesta-se deste modo a aceitação, por parte dos âmbitos religiosos, de um tipo de trabalho que se pode conciliar com a permanência em casa., o trabalho por encomenda. Contestação fácil, já que todos os testemunhos – nos diferentes países industrializados – já ressaltaram seu peso na vida cotidiana. Galdós evocou a costureira madrilenha praticamente acorrentada à máquina Singer, que era paga a prazo. A isso se acrescenta o argumento de que o trabalho, naquilo que Sallarés chama “a grande indústria”, é menos duro, mais demarcado em suas obrigações que o da pequena empresa. Esse esforço para justificar o que obedece antes a uma necessidade econômica se vale, pois, com a devida prudência relativamente ao modelo clássico, de uma imagem de progresso, mas só considerado através de suas conseqüências mais gerais, distantes às vezes da realidade cotidiana: o caráter moderno do trabalho fragmentado; a possibilidade de prescindir do longo aprendizado próprio dos ofícios; os crescentes intercâmbios de produtos industriais; etc. Ao fim e ao cabo, trata-se de uma adaptação das análises daquela sociologia vinculada à defesa do *status quo* social.

Estudos de Sociologia

Algumas vacilações da corrente cristã

Não parece, contudo, que esse fosse um discurso muito difundido, já que os empresários, em geral, deixavam a outros agentes, em particular aos responsáveis católicos, a tarefa de propor um modelo social mais concreto. Também para estes as mudanças que haviam resultado da industrialização colocavam alguns problemas sérios, em particular a perda do controle sobre as mulheres que tradicionalmente podiam atingir, ainda que com dificuldade crescente, graças a seu contato com o âmbito familiar dos setores populares. Em certas áreas, a situação oferecia possibilidades novas, em particular ali onde a empresa – como ocorria nas colônias – se edificava sobre o controle da vida de seus trabalhadores, alojados, formados, entretidos e até reclusos em recintos que chegavam a ser fechados à noite. Mas existiam fábricas mais problemáticas, principalmente as das cidades, nas quais, apesar da ajuda patronal, a intervenção confessional através das sociedades de socorro, de educação e até de diversões estava longe de alcançar todos os êxitos desejáveis, sobretudo onde os representantes da religião apareciam demasiadamente como defensores dos empresários. Por volta dos anos 1880, uma tentativa de que os assalariados se cotizassem em montepios destinados a sufragar os gastos com enterros, certamente com suas devidas formas, suscitou uma hostilidade bastante geral em todos os lugares em que tal experiência fosse testada, já que logo os operários apelidaram-nos de “caixa dos mortos”. Provavelmente, o protesto vinha de longe. A recusa operária podia ser vencida, em alguns casos, por medidas autoritárias de filiação obrigatória a associações controladas pelos patrões e pelos párocos, mas restavam importantes setores nos quais a tarefa de controle social dos operários, e dentre eles o das mulheres, tinha se complicado.

No âmbito dos modelos sociais propostos, o discurso de cunho católico não parece levar em conta o auge do trabalho industrial, já que continua exaltando a mulher da casa. Como alternativa, porque se trata também de uma maneira de encerrar a

Michel Ralle

mulher, propõe-se, em caso de necessidade, que a solteira vá trabalhar como criada. Embora a investigação histórica não permita saber que impacto chegaria a ter este tipo de exortação, pode-se supor que os resultados foram limitados. Mas existe uma literatura confessional relativamente abundante dedicada a defender a situação de doméstica. É significativo, por exemplo, que a pequena obra de uma senhora chamada Dolores del Pozo, publicada em Barcelona em 1899, com o título *Conselhos às criadas cristãs e jovens operárias* se empenhe quase exclusivamente em dar conselhos às criadas e em justificar a preferência pelo emprego doméstico. Entre os elogios pode-se ler:

Digam-me: na classe pobre, quem leva vida melhor que uma boa criada? Ninguém. Come bem, tem casa, roupa limpa e no fim do mês quatro ou cinco duros para seus gastos. Olhem, olhem para suas amigas casadas com jornaleiros que hoje têm e amanhã não têm trabalho... (de Pozo, 1899, p. 80).

Nem todos os intentos de oferecer um modelo social cristão às jovens operárias se negavam a levar em conta a maciça presença feminina nas fábricas. Alguns a assumiam. São interessantes pelas interrogações que revelam no âmbito das referências religiosas, manifestando, por sua originalidade, a profundidade do transtorno causado pela presença da indústria. Quero evocar um texto datado de 1876, isto é, um período ainda recente da evolução do setor têxtil. Ele demonstra que a presença feminina no trabalho industrial logo começou a chamar a atenção, apesar do maior controle político que as instituições da recém instalada Restauração ofereciam aos empresários. Encontra-se em uma espécie de folhetim publicado pelo boletim de uma instituição católica de educação de operários, criada por um sacerdote chamado Francesc Renau, que parece não ter deixado muitos vestígios. Mas o mais significativo não é a *Escuela del Obrero*, como é chamada a Associação do padre Renau e também o boletim, e sim o fato de que encontramos no folhetim,

Estudos de Sociologia

chamado “*Cartas a Carmen*”, uma aceitação, já em 1876-1877, da presença da operária na fábrica, e não em uma circunstância qualquer.

A série é composta por algumas supostas cartas, dirigidas à jovem operária Carmen por uma religiosa, em cujo convento foi educada, nas quais o recurso à ficção permite que lhe diga como deve se comportar nos momentos decisivos da vida: na casa dos pais, na fábrica, como noiva, como esposa, como mãe, como viúva, etc., mas sempre operária. Não se trata, pois, de propor uma evasão com respeito ao mundo da fábrica, mas sim de situar-se dentro da condição operária. Para a conselheira de Carmen, não é possível prescindir do salário da esposa, tampouco do da filha. Não se recorre ao trabalho em domicílio a não ser em caso de necessidade, isto é, quando Carmen fica fora de sua fábrica em razão de um fechamento momentâneo. Mas é apenas uma situação provisória; isso mostra que os escritos de Sallarés y Pla não inovam ao justificar o emprego de mão-de-obra feminina na indústria têxtil, já que isso havia sido proposto muito antes.

Esse tipo de vida não transcorre sem contradições e sem limitações. Uma das mais visíveis aparece na contestação feita à dificuldade de levar a cabo a dupla tarefa – profissional e familiar – da operária mãe de família, já que as jornadas na fábrica são longas (“*Cartas a Carmen*”, naturalmente, não pede que se reduza sua duração). A solução está na incansável energia feminina. Diz a monja à jovem operária:

A noite também é um recurso para a mulher laboriosa, e especialmente para a mãe de família operária: conheço algumas que penteiam e lavam seus filhos com o maior esmero antes de pô-los na cama, e assim de manhã só precisam lavar-lhes o rosto e as mãos... Penosa e dura é esta vida, mas Deus lhe dará forças (*La escuela del Obrero*, p. 296).

Michel Ralle

Na medida em que a vida é um vale de lágrimas – “você, Carmen amiga, não pode encontrar a felicidade absoluta nem em seu matrimônio com Jaime nem em nenhuma outra situação da vida” (*La escuela del Obrero*, p. 229) –, o trabalho fabril e suas conseqüências não são mais que uma entre tantas dificuldades que é preciso enfrentar, sem espírito rebelde, mas sim de sacrifício. Além da obrigação de acatar a ordem social está, por exemplo, a de renunciar às diversões, às paixões, à possibilidade de ter um papel público, e isto pelo bem de sua família. Sendo o mundo exterior perigoso, a jovem operária, antes de casar-se, dedicará seu tempo livre a ajudar sua mãe nos serviços de casa, dentro dos limites permitidos pela santificação do descanso dominical. Inclusive se lhe aconselha que os poucos momentos que lhe permitem os domingos sejam dedicados a assistir as aulas de uma escola dominical, certamente da paróquia. Uma vez casada, a família lhe servirá de recinto protetor. E então, para evitar qualquer tipo de risco, é melhor que já não pense em freqüentar casais amigos, ainda que tenham boa moralidade. Nas palavras da conselheira, “não há felicidade maior que a de um matrimônio em que nem o marido nem a mulher tenham amigos” (*La escuela del Obrero*, p. 248).

A mesma dedicação exclusiva é a que leva a eleger o futuro marido, já que, segundo o folhetim, Carmen é suficientemente interessante para ter alguns “pretendentes”, como os chama sua conselheira. Essa a incita a decidir-se por um tecelão analfabeto, embora outros dois, também operários, tenham mais atrativo. Mas um jogou algumas vezes e, sobretudo, o outro teve simpatias pela Internacional – em 1876 é um episódio recente e terrível para os defensores da ordem social. A monja sugere as vantagens de um marido meio bobo, já que sua superioridade intelectual converterá Carmen em dona do domicílio familiar. Outra vantagem é que esse tipo de homem não traz para a vida cotidiana do matrimônio a necessidade de compartilhar alegrias e pesares. Assim, a tristeza de seu marido com a morte de sua mãe não tem de afetar demasiadamente Carmen: “Não se preocupe demais com o estado

Estudos de Sociologia

de aflição de seu esposo, pois nessa idade e com um espírito leve, como o seu, as dores não imprimem profunda marca” (*La escuela del Obrero*, p. 246).

A maior frustração que se propõe que Carmen assuma é, contudo, a de sacrificar sua capacidade de intervir publicamente em favor dos valores da moral e da religião, quando toda sua educação foi destinada a lutar contra as más idéias, especialmente as dos socialistas, palavra genérica que engloba as distintas tendências operárias. Ela é aconselhada, em particular, a não reagir quando ouve um ataque contra a religião ou uma blasfêmia, mesmo que seja dita por outra companheira de trabalho. Seu meio de ação e de influência só pode ser o contato direto e particular:

... cada uma, sem se arvorar em redentora e nem mesmo em pregadora da moral, a predicará com suas obras, cem vezes mais eficazes que os mais brilhantes discursos, e primeiro desmentindo seus detratores em sua prudência e decoro, e depois convertendo cada lar em um plantel de cidadãos pacíficos, probos e laboriosos, de mulheres puras e piedosas, erguendo-se a tal altura de moralidade e honradez de nosso povo, que nada tenha de invejar aos que se gabam com arrogância de civilizados e cultos (*La escuela del Obrero*, p. 103).

O paradoxo é considerável. Por um lado, o discurso exalta a capacidade da mulher cristã. Mais bem formada que muitos homens, ela tem mais inteligência prática, mais dedicação. Por isso, constitui o recurso fundamental para opor-se ao transtorno da sociedade que levaria à revolução social. Ao fim e ao cabo, quem tem essa arma decisiva é a Igreja. Com ela, segundo diz a religiosa de Carmen, poderá “redimir essa classe da escravidão do vício e da ignorância, difundindo nela o gérmen da civilização por meio de pessoas como você.” (*La escuela del Obrero*, p. 103). Mas, a fim de manter o que é próprio da mulher – o exemplo, a dedicação – se lhe proíbe o que é lícito dos homens, o atuar em público. As

Michel Ralle

referências gerais que estão por trás dessas pautas de comportamento são, certamente, bem conhecidas, mas é notável que apareçam inclusive quando levam em conta as mudanças importantes verificadas pelo trabalho feminino. Seria provavelmente equivocado pensar que esse tipo de conselho não passava de um esforço desesperado, e em certa medida inútil, para recordar regras de conduta que a evolução da sociedade levava cada vez mais a se enfraquecerem. Esse discurso não se destinava somente ao púlpito, já que estava implícito em uma grande variedade de instituições e de atividades sociais com as quais as mulheres do mundo operário tinham contato: escolas para mulheres ou meninas, centros de diversões, obras de beneficência, livros ou folhetos, etc., e também proibições, pressões morais, quando a moradia tinha algum vínculo com o dono da fábrica... A própria variedade dos pontos de difusão desse modelo tradicional torna necessário recordá-lo.

Esses conselhos não apenas constituem um documento sobre um tipo de mentalidade. Apresentam ao mesmo tempo um modelo pouco combatido. Essa imagem da subordinação da mulher é também implicitamente aquela proposta pelas instituições públicas, que consideram como secundárias sua instrução, sua proteção. Diante de tal imagem, certamente, havia as tão clássicas críticas da carolice por parte de democratas e operários, ou críticas da manipulação da mulher. Mas aludiam muito menos à imagem que a visão católica atribui à mulher e, às vezes, lhe propunham o mesmo tipo de remédio: conciliar, de modo um pouco ilusório, necessidade de trabalhar e vocação familiar da mulher de origem operária. Uma atividade que é bastante habitual na corrente democrata é a loja familiar que, além disso, tem a vantagem de parecer uma promoção social. Dolores del Pozo escreve dirigindo-se às jovens:

Uma das coisas pelas quais vos convém também aprender a ler, a escrever e um pouco de contas é para poder algum dia vos colocar melhor. Há muitos homens que têm um pequeno capital e que gostariam de montar um pequeno comércio ou abrir uma indústria, e necessi-

Estudos de Sociologia

tam casar-se com uma mulher que tenha um pouco de instrução para partilhar o trabalho e as contas da casa (del Pozo, 1899, p. 91).

É de se notar que “Cartas a Carmen” coloca essa possibilidade de modo muito mais utilitarista, já que a possibilidade de abrir uma loja é imaginada apenas como um “castelo no ar”, segundo as palavras da superiora, e tendo criado a ilusão da comodidade com algumas conversas, essas servirão para evidenciar os riscos que os projetos dos socialistas fariam essa suposta felicidade correr:

Vá você fazendo castelos no ar sobre essa hipótese... porque é uma ocupação muito agradável, até que cheguem (vocês) a se considerarem relativamente ricos; e então, com muito tino e como por acaso, faça-o notar que vocês não gostariam então de ser alvos da inveja, da ambição e da malevolência dos que tivessem menos, que aquele capitalzinho seria tão legitimamente seu como é hoje o pouco que possuem, e que seriam tão criminosos os socialistas que aspirassem a reparti-lo, como o seria hoje o larápio, que por não ter um centavo, fixasse seu olhar cheio de cobiça no porta-moedas de Jaime... (*La Escuela del Obrero*, p.247-248).

Assim, já nos tempos precoces de “Cartas a Carmen”, o crescimento do número de operárias industriais e o fenômeno global de laicização da sociedade não podiam impedir totalmente que se questionasse esse modelo e já suscitavam algumas contestações específicas. Mas as modificações dos modelos sociais foram lentas, já que a grande maioria das instâncias sociais ou morais defendiam a imagem tradicional da mulher. Mas alguns dos que estavam no campo da democratização também viam com desconfiança um papel mais independente de suas companheiras, confundindo o

Michel Ralle

modelo proposto pela Igreja com uma suposta realidade feminina que a levaria a ser instrumento das campanhas contra a liberdade. A mesma reação suscitava entre os socialistas de Vizcaya a organização das mulheres pelo nacionalismo basco para funções de ajuda de tipo feminino – como a do “Roupeiro basco” –, sob o controle de sacerdotes ou de personalidades católicas.

Ausência de modelos alternativos?

O fato de a Igreja e a tradição proporem um papel mais definido para as mulheres provavelmente criava certa inibição, e foi um dos motivos – não o único certamente, nem tampouco secundário – pelos quais, fora do modelo tradicional, a mulher operária não encontrava propostas alternativas claras no campo republicano. Aos republicanos chamam a atenção, sobretudo, os excessos reacionários, mas como exemplos daquilo que é inadmissível em certas situações sociais, do peso dos preconceitos clericais sobre a liberdade das pessoas, e não dos preconceitos particulares de que são vítimas as mulheres. Na medida em que seu modo de resolver as dificuldades, colocadas pela questão social em seus esquemas, consiste em aferrar-se ao tema da igualdade jurídica, bastava-lhes evocar, em termos gerais, a igualdade de dignidade entre os homens e as mulheres. Por outro lado, estas não constituíam um problema político candente para aqueles que tinham como objetivo prioritário a democratização das instituições representativas. Já no caso do republicanismo na França, onde o sufrágio funcionava, as mulheres não eram elementos políticos influentes. Certamente, em um país onde as eleições não funcionavam eram ainda menos.

Por outro lado, os modelos sociais que o republicanismo podia propor não eram destinados às operárias, mesmo quando elas eram claramente adeptas da ruptura. De fato, existem algumas mulheres republicanas que intervêm em atividades não diretamente políticas, mas de cunho claramente progressista, como as anticlericais ou as educativas. A mais conhecida é certamente Concepción Arenal.

Estudos de Sociologia

Com ela, Belén Ságarra, propagandista da laicidade em comícios, já nos anos 80 e 90 do século passado, é um dos casos mais espetaculares, por seu impacto nas reuniões públicas, e também muito excepcional. De fato, fora da imagem da digna esposa de um militante republicano, e capaz de entender suas atividades, uma das poucas que apresentam uma função claramente significativa é a de professora laica. Mas são tão poucas as escolas não oficiais e estas enfrentam tantas dificuldades, que o modelo não se difunde muito na sociedade. Sem falar dos problemas encontrados na França pelas professoras não casadas em um contexto em que, no entanto, o Estado desenvolveu uma ativa política de ensino obrigatório das meninas, por um corpo formado de mulheres egressas de escolas especializadas e de um laicismo militante. Existe, no estatuto das professoras a tentação de entendê-lo como o de santas laicas, aceitando as barreiras que a igreja edifica diante da atividade pública da mulher. Esse estatuto é interessante, sobretudo, a título de primeiro passo da inserção de uma mulher de classe média, pelo menos em uma obra política, já que não constituía forçosamente uma promoção social. Seria útil saber mais sobre esse setor social, que tem certa existência na Catalunha, assim como tem aparentemente certa difusão de um espiritismo filantrópico entre mulheres de classe média ilustrada. Isso é mencionado aqui, porque tem uma finalidade de abertura como teve em certos países latino-americanos; testemunho de sua presença é, por exemplo, a regularidade da publicação de algumas revistas como a *Luz del Porvenir*, de Gracia, dirigida por Amalia Domingo Soler. Apesar das contradições que abarca, é possível que tal atividade tenha constituído uma das formas modestas de acesso da mulher a um espaço intelectual.

O aproveitamento por mulheres de certos espaços considerados como próprios de sua suposta sensibilidade é certamente um sinal da emergência de uma demanda. Contudo, não chega a ser percebido no âmbito geral do discurso laico. Este se dirige de modo prioritário aos rebentos masculinos dos militantes. Na escola laica, o conhecimento do “critério laico ou moral social”

Michel Ralle

permite que se “aprenda a ser, sem fanatismo, bom pai, bom filho e bom cidadão, pois o faz conhecer os deveres e direitos sociais indiscutíveis e inalienáveis, para infiltrar, em seu coração, o sentimento democrático puro sem partidos ou divisões que matem nossos ideais”. É o que está dito no extrato de um discurso pronunciado em 1884 em um comício organizado em Palafrugell pela Confederação Espanhola de Ensino laica de Gabarró (*La Tronada*. Barcelona, 20-4-1884). A contradição podia ser mais agressiva, como nas metáforas em que a virtude republicana era qualificada de virilidade. Sem falar nos discursos como os de Lerroux nos quais já não se tratava de aludir a uma imagem. É bem verdade que a alusão à virilidade era mais característica do discurso fascista... De fato, a repetição de certos preconceitos era o mais comum dos discursos republicanos, inclusive dos mais bem intencionados. Eram expostos, por exemplo, em *La Publicidad*, de 19 de janeiro de 1884, ao traduzir, sob o título “Como instruir as mulheres?”, um trabalho do pedagogo francês Ernest Legouvé. Concluía-se com o seguinte programa: “E faremos de nossas educandas verdadeiras jovens, verdadeiras esposas, verdadeiras mães, isto é, valerão tanto quanto os homens porque não se assemelharão a eles”.

Assim, fora do mundo operário, não surgia uma proposta que levasse em conta a condição de trabalhadora que não fosse mera incitação a respeitar a imagem tradicional. Seria de se esperar atitude diferente por parte das organizações de classe? Estas, quer dizer, as anarquistas e as socialistas, não se encontravam em situações idênticas. Devido à diferença geográfica de suas implantações iniciais, unicamente as primeiras atuaram durante longo tempo – aqui, nos referimos aos anos 1870-1910 – em uma zona com característica de mão-de-obra industrial muito feminizada, isto é, a Catalunha. Tampouco se deve esquecer que seu marco ideológico geral apresenta distinções que têm um sentido político e social, mas que também se nota no que se refere à moral. A rigidez dos esquemas – refiro-me certamente à expressão oficial do partido – e a visão hierarquizada da intervenção política são características destacada nas obras que tratam dos primeiros decênios do socialismo

Estudos de Sociologia

espanhol. Para ele, sem a transformação do sistema de propriedade, que só pode se realizar através da tomada do poder político pelo partido que representa a classe, não pode haver uma verdadeira mudança social. A ampliação das liberdades sob o regime parlamentarista não modifica a dependência do trabalhador. Além disso, não se trata senão de mudanças aparentes, já que, quando seu interesse econômico está em jogo, a burguesia não vacila em deixar de respeitar a própria legalidade que concedeu. As liberdades jurídicas têm, pois, o único interesse de tornar mais fácil a luta, permitindo que os operários se organizem, enquanto uma situação de clandestinidade multiplica os obstáculos. Essa atitude se mantém mais ou menos até a véspera da Conjunção, a partir da qual vão se integrando, embora de maneira lenta, os valores democráticos dentro das orientações do partido. Para este, a insistência sobre a prioridade do social é que impede que o partido corra o risco de ver sua identidade confundida com as simples preocupações reformadoras dos republicanos. Permite, segundo dizia uma expressão correntemente empregada na retórica socialista, “deslindar os campos”. Assim, a idéia de que os problemas nacionais, culturais, femininos são secundários, com relação à oposição fundamental entre o capital e o trabalho, continua influenciando muito nas propostas que só a urgência chega a modificar. Muda com o problema nacional, ainda que timidamente, a partir de meados dos anos 1910. Isto se deveu ao fato de ser menor a pressão da sociedade sobre a situação da mulher, devido à debilidade, em uma primeira fase, do movimento de reivindicação pela igualdade dos direitos políticos, inclusive nas áreas mais modernas. Cabe pensar que a já mencionada falta de credibilidade do sistema eleitoral espanhol fazia com que faltasse um elo entre a presença social da mulher e uma afirmação mais cultural de sua autonomia.

Contudo, entre as obras da corrente marxista das quais podiam dispor os filiados do Partido Socialista Operário, havia duas demonstrações clássicas da igualdade da mulher. Uma é *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels, da qual existia uma tradução em castelhano desde 1884, isto é, antes

Michel Ralle

que o partido tivesse os meios de editar os textos clássicos. Outra tradução sai em 1904, seguida de mais algumas. A outra é o famoso *A mulher diante do socialismo*, de Auguste Bebel, traduzida de uma versão em francês e com cortes arbitrários feitos pela escritora Pardo Bazán em 1893. É só em 1906 que se edita realmente, em Barcelona, *A mulher no passado, no presente e no futuro* (Ribas, 1981, p. 70-71). Mas, apesar da publicação de algumas poucas passagens na imprensa do partido, isto não é nenhum indício de um interesse particular pelo tema. Por um lado, suscita poucos ecos nas atividades do partido e, sobretudo, a leitura que pode fazer um socialista de então não incita forçosamente a dar importância ao tema da igualdade da mulher, propriamente dito, mas antes a um método de explicação dos fenômenos sociais e culturais que os faz depender das mudanças econômicas. Engels explica que a situação da mulher e a forma da família, assim como seu papel, variam em função dos sucessivos modos de produção. A leitura do livro, com a interpretação própria dos fenômenos sociais feita na primeira fase do socialismo espanhol, a de um vínculo direto entre o econômico e o cultural, dependendo o segundo do primeiro, oferece uma prova a mais da necessidade de realizar de maneira prévia as mudanças político-econômicas. Também se pode fazer a mesma leitura do texto de Bebel, que, em uma época de prestígio da ciência, pretende contribuir com uma grande quantidade de provas racionais sobre a igualdade da mulher, assim como sobre a das raças, das capacidades intelectuais dos pobres e dos ricos, etc. Exceto por essa reprodução de textos clássicos, em poucas ocasiões a imprensa socialista concede espaço para uma reflexão sobre a situação da mulher.

Peculiaridades anarquistas?

As imagens clássicas com que se costuma evocar o anarquismo sugerem, ao contrário, que ele tentou propor respostas particulares, mais agressivas, na defesa da idéia da igualdade e até da autonomia da mulher. É significativo que entre temas verdadeiros

Estudos de Sociologia

ou aproximativos, que permanecem da corrente libertária, estejam o abstencionismo, a recusa das organizações hierarquizadas, a defesa da espontaneidade e também alguns casos de crítica da maternidade, o naturismo, a comparação da situação da mulher casada com a exploração burguesa... Para não falar da postura claramente rebelde que contesta a visão cristã da mulher como instrumento do pecado (Álvarez Junco, 1976, p. 286). Essas temáticas podem ser encontradas em certas publicações. Em contrapartida, seu grau de presença nos escritos dos setores operários do anarquismo não é tão evidente. A propaganda contra a maternidade é mencionada sobretudo porque, na França, teve certa repercussão a chamada “*grève des ventres*” – “greve de ventres” – e foi enfatizada quando a historiografia feminista voltou a descobri-la. Mas, afóra alguma discussão teórica e algumas polêmicas (Álvarez Junco, 1976, p. 297-298), fenômeno na Espanha e inclusive Catalunha, é muito marginal, para não dizer inexistente, nos primeiros decênios do século – a cronologia tem muita importância. Resta dizer, contudo, como essa temática pôde surgir no seio do anarquismo. Para explicá-lo, é preciso levar em conta a dupla influência do anarquismo espanhol, a propriamente operária, construída a partir de uma presença verificada, já desde os tempos da Primeira Internacional, ou seja, os anos 1870-1874, no movimento de organização sindical, e a intelectual, resultado da atração exercida pela ideologia libertária não tanto sobre o pessoal que tradicionalmente compõe a intelectualidade, mas sobre alguns homens do povo que querem ascender até ela – desde o operário autodidata até o maestro – e que são menos militantes da prática que agitadores de idéias. Uma das forças do anarquismo espanhol é precisamente a possibilidade de intervir prontamente em dois níveis, mas seria errôneo pensar que os textos conseguem mudar algumas atitudes profundamente arraigadas no setor operário. O que não quer dizer que seja discutível a importância desse foco, como difusor de idéias na sociedade. O anarquismo indubitavelmente contribuiu para que os temas da emancipação da mulher se difundissem até outras correntes políticas e para que se radicalizassem no âmbito de algumas individualidades,

Michel Ralle

pertencentes ao chamado “reformismo burguês”. As conhecidas personalidades feministas da corrente socialista interviriam mais tarde.

Contudo, a pergunta colocada é sobre os modelos sociais entre os quais a mulher operária pudesse escolher. Certamente, algumas delas foram influenciadas, no nível pessoal, pela discussão geral sobre a mulher, mas, até que ponto trouxeram mudanças os discursos que se situavam na perspectiva do movimento operário e que eram dirigidos às mulheres operárias? Temos dito que pouco. Mas isto não porque as mulheres formavam um meio social resignado. Certamente, no caso do mundo operário catalão, um dos motivos aparentes do emprego de mulheres é que, além de cobrar menos, eram menos combativas que os homens. Isto pode ser correto nos casos em que as modalidades de controle, patronal ou religioso, são estritas. Às vésperas do Primeiro de Maio de 1891, para o qual a corrente anarquista fez um chamamento à greve geral, o jornalista republicano Morote publica, no *El Liberal*, uma famosa série de artigos intitulada “O feudalismo nas fábricas”. Descreve em particular seu encontro de madrugada com grupos de jovens operárias da montanha que se dirigem para a colônia onde trabalham. São obedientes, aceitam as longas jornadas e as difíceis caminhadas durante as quais rezam o terço. Exagero de tipo jornalístico? De todo modo, o Primeiro de Maio anterior nas fábricas daquelas zonas teve fortes conflitos, assim como em abril e em julho de 1890, e, naturalmente, em Barcelona, em várias ocasiões. É possível que a reação de Morote seja a clássica de muitos republicanos, inclusive os mais abertos, que vêem nas mulheres um freio para a difusão da idéia republicana, visto que elas podem ser controladas pelas forças reacionárias.

Contudo, existe a presença feminina nas greves do têxtil, não só porque obedecem aos homens que as pressionariam para que se somassem aos conflitos, mas porque existem movimentos em que a maioria ou a totalidade dos agentes são mulheres. O fato mesmo de que essas greves colocaram as propostas habituais faz com que a imprensa, às vezes mesmo a operária, as considere

Estudos de Sociologia

como meros conflitos sociais, deixando de lado, ao contrário do que ocorre com as cigarreiras, o caráter feminino de sua manifestação. Por isso mesmo, é provável que os movimentos com significativa presença de mulheres sejam muito mais numerosos que os que aparecem *a priori* com essa característica, uns 20% aproximadamente dos que ocorrem na província de Barcelona entre 1886 e 1890, para os quais disponho de dados um pouco mais precisos, no que se refere ao sexo dos participantes. Entre eles, contudo, não aparecem muitas mulheres que desempenhem um papel diretivo, embora algumas se convertam em personagens públicos, em particular Teresa Claramunt. Para impedir que assumam responsabilidades mais importantes, primeiro há a rede de responsabilidades habituais e bastante fixas das moderadas *Tres Clases de Vapor*, que consideram como um passo positivo que os operários possam ter à sua disposição, em particular para negociar, especialistas que vivem disto. Certamente, não se imagina então que uma mulher possa ser um deles, como não é nosso. De fato, é opondo-se às *Tres Clases* que ocorrem muitas vezes as greves de mulheres, porque acham que a federação as defende pouco. Isto se dá particularmente em Barcelona com a sociedade *La Verdad*, de orientação libertária, que em 1899 conduz uma dura greve na fábrica Serra, de Sant Martí de Provençals. Alguns outros conflitos poderiam ser citados. Depois de 1892, a continuidade da ação reivindicativa das mulheres sofre um grave inconveniente com a crescente debilidade da resposta operária, tanto de homens como de mulheres, em decorrência da reestruturação da produção, que limita o conflito do setor até princípios do século. As condições políticas restritivas da Catalunha depois dos atentados tiveram uma consequência similar.

Mas quando voltam os enfrentamentos, a presença feminina será manifesta. É o caso da sociedade *El Arte Fabril* de Sant Martí de Provençals, em 1901, na qual Teresa Claramunt terá uma influência decisiva. Outra importante fase da organização é a que dá lugar, em princípios do decênio seguinte, tendo como principal protagonista a sociedade *La Constancia*, à greve do têxtil de 1913.

Michel Ralle

Em ambos os casos, a presença feminina coincide com uma orientação anarquista. Deve-se, em parte, a que a orientação sindical libertária se adapta melhor a um pessoal mais precário, cuja atividade reivindicativa conhece mais altos e baixos, como é o caso da mão-de-obra feminina. As *Tres Clases de Vapor*, ao contrário, extraíram sua força provisional de uma organização muito mais precisa e exigente. Com as dificuldades das *Tres Clases* diante de um patronato mais agressivo, os anarquistas, a partir de finais do anos 1880, podem combater o que consideram seus aspectos negativos: centralização da organização, cotas que excluem parte da mão-de-obra, privilégio dado à preparação e à acumulação de fundos às expensas da espontaneidade. Suas propostas se adaptam às atitudes das mulheres operárias mais mal pagas – o que as impede de aceitar cotas altas, menos usuais, mas iguais às coberturas operárias mais recentes, a permanecer em uma organização de defesa, mas levadas também a pensar que todo conflito é decisivo e, portanto, a deixar de lado os aspectos táticos dos conflitos. Não se trata, nesse caso, de uma vontade de levar em conta uma clientela feminina, mesmo que seja ela que a assume, como o fez Teresa Claramunt, quando diz que mais do que cotas “para lutar contra o burguês e vencê-lo, necessita-se energia” (Smith, 1995, p. 41).

De qualquer modo, esses episódios contêm uma afirmação feminina dificilmente mensurável. Teresa Claramunt não se contentou em expressar-se apenas sobre as condições de trabalho nas fábricas, tendo escrito sobre o papel de “besta de carga” que muitos maridos operários faziam suas mulheres assumirem (Álvarez Junco, 1976, p. 283). Mas, regra geral, o mesmo tipo de atuação sindical que, por um lado, abria maior espaço para a mulher operária, tolhia-a de qualquer possibilidade de desempenhar um papel que não fosse o de ocasional representante de suas companheiras nos momentos de conflito. E, fora do local de trabalho, não existiam modelos que complementassem a obra da mulher que militava em sua fábrica ou que simplesmente se dispunha a intervir em um conflito.

Estudos de Sociologia

Efetivamente, a imprensa operária, tanto socialista como anarquista, preocupa-se quase unicamente em inscrever o modelo feminino no âmbito das referências operárias militantes. Se se fala da mulher, é para que seja um apoio e não um obstáculo na luta que os homens têm a responsabilidade de conduzir. As exortações para que os operários se preocupem com suas mulheres obedecem, de fato, ao interesse próprio que se confunde com o geral. Diz esta frase de *El Socialista*, uma das raras alusões feitas pelo jornal à mulher, durante todo o ano de 1907:

Educai vossas esposas, companheiros, respeitai-as, considerai-as, alentai-as, discuti de igual para igual com elas; tratai-as levando em conta que são seres iguais a vós, e recebereis delas esse alento vivificante, esse auxílio espiritual que não tendes e que tanto vos faz falta para lutar (*El Socialista*, 10-1-1908).

Esta é a tônica geral dos temas dedicados à mulher nessa segunda fase, em que, portanto, costumam deixar de lado o que está fora da área das atividades profissionais. Se se assinalam desigualdades, por parte das operárias e com respeito aos homens, estas pertencem precisamente a esse nível, como em um texto muito mais ofensivo que o anterior, escrito por uma seção de trabalhadoras anarquistas de Madri em 1892, em que se diz a propósito dos homens: "... eles reclamam horas de trabalho como máximo de jornada e ninguém se lembra que nós trabalhamos onze horas ou mais para ganhar um irritante salário de 5 ou 6 reales" (*El Productor*, 21-1-1892). A cultura de protesto própria dessa fase cronológica exclui o que não é a exploração no local de trabalho e, portanto, não menciona o pessoal nem o âmbito privado. Paradoxalmente, isto só aparece quando o necrológio de um militante leva a que se recordem os distintos aspectos de sua vida, entre os quais, aqueles ligados à sua vida familiar.

Felizmente, a situação evoluiu. O período que se abre com o novo século é de aceleração das mudanças em muitos campos.

Michel Ralle

São também anos de presença operária mais ativa no local de trabalho a partir dos grandes conflitos de 1902 e 1903: greves “gerais” de Barcelona, de Gijón, movimentos maciços no campo andaluz, com um crescimento notável da UGT, que sai da clandestinidade, e o renascer das organizações anarquistas. Isto provavelmente contribuiu para que as mulheres operárias tomassem mais consciência de si como grupo. Não é casual que, a partir desses anos, se ampliem notavelmente as iniciativas de ajuda social destinadas à mulher: socorro mútuo, creches, escolas, colônias infantis. Isto é demonstrado em particular nos dois volumes de *Barcelona benéfica, caritativa e social* publicados nesse mesmo período (Albó y Martí, 1914). Inclusive se seu efeito é relativo, devido às lacunas das instituições públicas, indicam uma maior demanda social, que não é estimulada apenas pela reivindicação operária. Existe também o interesse de outros setores da sociedade, na qual aparecem novas responsabilidades profissionais para a mulher: a datilógrafa, a telefonista, a secretária... dessas profissões e da maior presença da mulher no campo intelectual, emergem organizações específicas e uma temática mais feminina e, às vezes feminista. Por sua vez, anarquistas e socialistas integram essa preocupação mais geral pela mulher.

A aspiração à democratização da sociedade levará a uma atmosfera comparável com a de outros países, colocando em pauta o direito de voto para as mulheres. Isto inclusive se realizou antes que em outras partes, graças à atividade dos partidos operários e de algumas de suas militantes bem conhecidas. A França chegou a isso muito mais tarde e somente graças à Segunda Guerra Mundial – de passagem poder-se-ia dizer que, hoje, é o país da Europa com menor presença de mulheres no Parlamento. Essa evolução rompeu o isolamento de que paradoxalmente padeceram as operárias nos anos em que as organizações centravam seu interesse apenas na própria classe. Em colaboração com as demais mulheres, as trabalhadoras da indústria passaram a ter um papel cívico ao qual a militância social não lhes havia permitido chegar. Contudo, não sei até que ponto puderam encontrar modelos sociais que levassem em conta sua dupla situação de mulher e de operária.

Estudos de Sociologia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBÓ Y MARTÍ, R. *Barcelona benéfica, caritativa y social*. Barcelona, 1914, 2 vol.
- ÁLVAREZ JUNCO, J. *La ideología política del anarquismo español*. Madrid: Siglo XXI, 1976.
- BALCELLS, A. La mujer obrera en la industria catalana durante el primer cuarto del siglo XX. In: *Trabajo industrial y organización obrera en la Cataluña contemporánea*. Barcelona: Laia, 1974.
- del POZO, D. *Consejos a las servientas cristianas y jóvenes obreras*. Barcelona, 1899.
- RALLE, M. Las huelgas antes y después del 1º de mayo. *Estudios de Historia Social*. Madrid, III-IV, 1991, p. 7-137.
- RIBAS, P. *La introducción del marxismo en España*. Madrid: ed. De la Torre, 1981.
- SALLARÉS Y PIA, J. *El trabajo de la mujer y de los niños. Estudio sobre sus condiciones actuales*. Sabadell, 1893.
- SMITH, A. La guerra de las continuas. Cambio tecnológico y estrategias sindicales en la industria algodonera catalana, 1889-1914. *Sociologia del Trabajo*. Madrid, n.24, primavera de 1995, p. 121-151.
-

RESUMO: O texto analisa a presença da mulher operária na Espanha e mais especificamente na Catalunha nas últimas décadas do século XIX e início do XX, abordando desde as condições de vida e trabalho, até a militância feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher operária; militância; trabalho feminino; direitos.

ABSTRACT: This text analyses the presence of the working woman in Spain, more specifically in Cataluña, in the last decades of the 19th century and at the beginning of the 20th century, discussing not only the life and working conditions but also the feminine militancy.

KEYWORDS: Working woman, militancy, feminine work, rights.